



PERFORMANCES GAYS, ESPAÇO E TERRITORIALIDADES DIGITAIS: ENTRE A PORNOGRAFIA E OS APLICATIVOS DE ENCONTRO

Higor Lopes Andrade ¹
Evaldo Ferreira ²

RESUMO

O artigo discute a produção do espaço geográfico a partir das relações entre masculinidade gay e o uso do aplicativo Grindr, destacando a relevância dessa abordagem para os estudos contemporâneos sobre Geografia das Sexualidades. O objetivo do estudo é investigar as relações entre masculinidade gay, o Grindr e a produção do espaço geográfico, com ênfase na construção do corpo masculino e suas implicações na dinâmica espacial. A pesquisa é conduzida por meio de uma análise crítico interpretativa de referenciais teóricos consolidados no campo da Geografia, articulada à reinterpretação dos dados apresentados que investigou o Grindr como agente produtor de espacialidades digitais. Os resultados indicam que o aplicativo reforça normas hegemônicas de masculinidade e padrões corporais excludentes, mas também constitui um espaço de subversão e resistência, no qual diferentes sujeitos LGBTQA+ elaboram estratégias de pertencimento e produzem novas territorialidades afetivas e eróticas. Conclui-se que o espaço geográfico, mediado por plataformas digitais, deve ser compreendido como campo relacional e político, atravessado por disputas simbólicas e relações de poder, e que a territorialização do desejo configura uma dimensão fundamental para a compreensão das espacialidades contemporâneas.

Palavras-chave: Masculinidade gay, Grindr, territorialidade digital, Corpo, Espaço.

ABSTRACT

The article discusses the production of geographic space based on the relationships between gay masculinity and the use of Grindr application, highlighting the relevance of this approach to contemporary studies about sexualities geography. The aim of the study is to investigate the relationships between gay masculinity, Grindr, and the production of geographic space, with an emphasis on the construction of the male body and its implications for spatial dynamics. The research is conducted through a critical and interpretative analysis of consolidated theoretical frameworks in the field of Geography, articulated with a reinterpretation of the presented data, which examined Grindr as an agent of digital spatialities production. The results indicate that the application reinforces hegemonic norms of masculinity and exclusionary body standards, but it also constitutes a space of subversion and resistance, in which different LGBTQA+ subjects develop strategies of belonging and produce new affective and erotic territorialities. It is concluded that geographic space, mediated by digital platforms, must be understood as a relational and political field, going through symbolic disputes and power relations, and that the territorialization of desire constitutes a fundamental dimension for understanding contemporary spatialities.

Keywords: Gay Masculinity, Grindr, Digital Territorialities, Body, Space

¹ Doutorando em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso- Unemat, andrade.higor@unemat.br

² Professor orientador: Doutor, Faculdade Ciências Humanas - Unemat, evaldoferreira@unemat.br.



INTRODUÇÃO

A masculinidade gay emerge como um campo de disputa cultural, social e espacial que desafia e redefine os padrões tradicionais de corpo, desejo e relações sociais. Longe de constituir uma identidade homogênea, ela se configura como um processo dinâmico, atravessado por normas hegemônicas, práticas de resistência e estratégias de pertencimento que se manifestam em diferentes escalas da vida cotidiana. Com a crescente influência da pornografia e o uso de plataformas digitais como o Grindr, tais dinâmicas se intensificam, uma vez que esses dispositivos tecnológicos operam como mediadores das relações de desejo e poder, interferindo diretamente na construção das subjetividades masculinas e na produção do espaço.

Essas práticas não se limitam à esfera individual, mas reverberam nas redes de sociabilidade e nas formas de territorialização, revelando como o corpo e a sexualidade tornam-se dimensões centrais para compreender as novas configurações espaciais contemporâneas. A partir dessas reflexões, a pesquisa propõe investigar como corpo, tecnologia e território se entrelaçam na constituição de novas espacialidades, especialmente aquelas marcadas pela presença de dispositivos digitais que reorganizam fronteiras, interações e percepções sobre o espaço geográfico.

Este artigo, resultado de um projeto de tese ainda em construção, tem por objetivo geral analisar as relações entre masculinidade gay, pornografia, o Grindr e a produção do espaço geográfico, com ênfase na construção do corpo masculino e suas implicações na dinâmica espacial. Parte-se da compreensão de que o espaço não é um elemento neutro, mas o produto de relações sociais atravessadas por discursos hegemônicos e disputas simbólicas (Massey, 2008; Silva, 2009).

O estudo insere-se na intersecção entre corpo, desejo e espaço, buscando compreender como a masculinidade gay é produzida, performada e espacializada através de plataformas digitais como o Grindr e da pornografia. Essa perspectiva, alinhada ao pensamento de Furlani (2009), considera que as relações sexuais e, aqui, também as de gênero são constitutivas das relações sociais e, portanto, geográficas. Assim, o entrelaçamento entre corpo e desejo está intrinsecamente ligado à produção do espaço geográfico, uma vez que, conforme Massey (2008), o espaço é expressão e produto das relações de poder.

A pesquisa ancora-se nos pressupostos da teoria da performatividade de gênero (Butler, 2003) e da Geografia das Sexualidades, reconhecendo que os sujeitos gays performam masculinidades simultaneamente reguladas e subversivas, sobretudo quando mediadas pelas



tecnologias digitais. A relevância da discussão reside em evidenciar como essas plataformas produzem zonas de pertencimento e exclusão, conformando uma geografia do desejo marcada por hierarquias corporais, práticas de resistência e pela constante renegociação dos sentidos de corpo, afeto e espaço.

METODOLOGIA

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, ancorada nos aportes epistemológicos dos estudos de gênero e das sexualidades dissidentes. Por se tratar de um recorte inicial do projeto de tese de doutorado, o delineamento metodológico deste artigo concentra-se na análise crítico-interpretativa de referenciais teóricos e na releitura dos dados apresentados por Andrade (2021), com o propósito de construir uma reflexão articulada entre corpo, desejo e espaço geográfico.

A análise empreendida parte das discussões consolidadas na literatura sobre Geografia das Sexualidades, masculinidades e territorialidades digitais, buscando identificar as categorias analíticas que possibilitam compreender o Grindr e a pornografia como dispositivos produtores de espaço e mediadores de práticas sociais e corporais. Tal percurso metodológico privilegia o diálogo entre os referenciais teóricos e as evidências empíricas reinterpretadas, de modo a explorar como as tecnologias digitais participam ativamente da produção de espacialidades e da performatividade do corpo masculino.

O estudo apoia-se exclusivamente em dados secundários, provenientes de Andrade (2021), e em uma revisão bibliográfica especializada. A interpretação desses materiais é orientada pelos referenciais da performatividade de gênero (Butler, 2003) e pela concepção relacional do espaço (Massey, 2008; Silva, 2009), compreendendo as práticas analisadas como atos performativos que produzem espacialidades e territorialidades permeadas por regimes de poder e desejo.

A articulação dessas perspectivas teóricas e metodológicas permite compreender o espaço geográfico como um campo relacional e político, atravessado por múltiplas materialidades, temporalidades e tecnologias. Nesse contexto, o corpo é concebido simultaneamente como território primeiro e agente produtor de espacialidades, especialmente no ambiente digital, onde os processos de subjetivação e territorialização do desejo se intensificam e adquirem novas formas de expressão.



REFERENCIAL TEÓRICO

Para Massey (2008), conceber o espaço como uma entidade estática ou como um sistema fechado significa subjugar-lo e ignorar sua real complexidade. A autora defende que: “conceituar o espaço como aberto, múltiplo e relacional, não acabado e sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta e, assim, um pré-requisito, também, para a possibilidade política” (Massey, 2008, p. 95). Nesse sentido, o espaço não deve ser visto apenas como um palco passivo das ações humanas, mas como: “a dimensão social, não no sentido da sociabilidade exclusivamente humana, mas no sentido do envolvimento dentro de uma multiplicidade” (Massey, 2008, p. 98), sendo continuamente produzido e reconfigurado por meio da heterogeneidade, da diversidade e dos interesses conflitantes.

Essa concepção é fundamental para pensar a espacialidade das sexualidades dissidentes e a experiência urbana dos sujeitos LGBTQIA+³, pois permite uma leitura não essencialista do espaço e enfatiza sua abertura à diferença. Massey (1994), denunciava a masculinização do espaço público e o silenciamento das experiências femininas e queer na produção do espaço, sugerindo-o como sendo sempre produzido a partir de relações de poder.

Silva (2009) destaca que o espaço geográfico é um campo de disputa simbólica e material onde identidades e desejos são negociados. A autora argumenta que o espaço não é apenas dominado pela heterossexualidade, mas sofre diretamente sua relação de poder, sendo então parte da heteronormatividade, contudo o espaço em sua dimensão de relações sociais, pode sofrer modificações e reconstruções a partir da subversão dos ditos não normais. Nesse sentido, o Grindr e as pornografias atuam simultaneamente como um reforço das normas tradicionais de masculinidade e como um espaço onde subjetividades dissidentes podem emergir e criar formas de pertencimento.

A emergência das redes digitais e dos dispositivos de geolocalização como o Grindr introduz transformações profundas na maneira como o espaço geográfico é produzido, percebido e experienciado. Longe de significar a superação da espacialidade ou a “aniquilação do espaço pelo tempo”, como apresenta Massey (2008) ao comentar sobre as leituras aceleracionistas da globalização, as tecnologias de comunicação vêm, ao contrário, intensificar

³ Conforme Andrade (2024) a sigla faz referência as diversidades de gênero e sexualidade, sendo elas: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transsexuais, Queer, Intersexual, Assexual e demais orientações.



a complexidade da espacialidade, mobilizando novos arranjos de poder, pertencimento e exclusão. (Grifos nossos)

Pensar as novas tecnologias e as evoluções do mundo globalizado, demonstra como o espaço geográfico não se reduz ao meramente físico, estável, e como apresenta Massey (2008), o espaço não pode ser reduzido à noção de distância física ou dimensão mensurável, ele deve ser compreendido como: “a esfera de configurações de resultados imprevisíveis, dentro de multiplicidades” (Massey, 2008, p. 139). Essa concepção reforça e implica reconhecer o espaço como relacional, aberto e em constante produção, constituído por interações sociais, fluxos materiais e simbólicos, e pelas disputas que atravessam essas interações.

O espaço geográfico não é desconstruído a partir dos novos ciberespaços (como o Grindr, aqui em discussão), a virtualidade não é desencarnada ou fora do espaço, as críticas postas pela revolução nas comunicações não possuem capacidade de abolir o espaço, mas causa o efeito contrário, o de co-construir novas espacialidades, definidas por relações e multiplicidades específicas (Massey, 2008).

Entende-se por fim que o espaço, para esta pesquisa, com base em Massey (2008) não é uma entidade vazia ou neutra, mas sim um campo relacional, construído por multiplicidades (ou seja, diferentes trajetórias, sujeitos, temporalidades e agentes). Ao enfatizar a: “esfera de configurações de resultados imprevisíveis” (Massey, 2008, p. 139), a autora rompe com qualquer visão determinista e aponta para o caráter aberto e político da espacialidade, inclusive no contexto digital. Essas reconfigurações não são neutras, são atravessadas por relações de poder, normatividades de gênero e sexualidade, e dinâmicas de racialização e classe. A espacialidade do desejo mediada pelo Grindr, por exemplo, não se reduz à mera conexão entre usuários, mas constitui um campo de disputas simbólicas e materiais, onde se elaboram hierarquias de corpo, regimes de visibilidade e estratégias de exclusão. Como Butler (2003) sugere, os corpos se tornam inteligíveis dentro de regimes discursivos que os estruturam, no Grindr, essas regras são estabelecidas pelos discursos predominantes sobre desejo e masculinidade. Dessa forma, a plataforma opera como um mecanismo de inclusão e exclusão, onde certas masculinidades são legitimadas e outras são marginalizadas, contribuindo para a formação de territórios de pertencimento e rejeição.

Nesse sentido, o conceito de multiplicidade espacial de Massey (2008) permite compreender o espaço como produto de interações heterogêneas, simultaneamente locais e translocais, corporais e virtuais, íntimas e políticas. O espaço não é cenário neutro da ação



social, mas constituinte ativo dos modos de subjetivação, desejo e pertencimento. Pensar o Grindr como vetor de produção espacial é, portanto, reconhecer que ele não apenas mapeia corpos e desejos, mas produz sentidos de lugar, visibilidades e ausências, tensionando as fronteiras entre o público e o privado, o urbano e o íntimo, o corpo e a cidade.

Nesse ponto, a discussão sobre espaço e suas múltiplas dimensões se aproxima da concepção de território, uma vez que ambos compartilham a característica de serem construções sociais e políticas, permeadas por disputas simbólicas e materiais. Se o espaço, enquanto categoria analítica, revela-se como campo de possibilidades, de resistências e de invenção de novas formas de vida, o território surge como a materialização dessas disputas em recortes mais concretos, que articulam dimensões físicas, normativas e subjetivas. Assim, compreender as práticas que subvertem ou reafirmam padrões espaciais exige também olhar para os modos como elas se ancoram, se deslocam e se reconfiguram em territórios vividos, nos quais as relações de poder se entrelaçam com experiências corporais, afetivas e identitárias.

Haesbaert (2021) contribui com as concepções de território, fazendo uma interpretação sobre os campos de força, para o autor, o território deve ser entendido não apenas como uma base física ou jurídica, mas como uma instância relacional, simbólica e afetiva, permanentemente atravessada por relações de poder, de saber e de resistência. Nesse sentido, Haesbaert (2021) afirma que o território é vivido e produzido por corpos marcados por classe, raça, gênero e sexualidade, e que é nesse corpo que se concretizam as disputas territoriais, ou seja, os conflitos entre diferentes formas de ver, viver e organizar o mundo: “hoje a questão do corpo está de tal forma difundida que impregna as mais diferentes áreas da Geografia” (Haesbaert, 2021, p. 165).

Essas novas territorialidades, muitas vezes encarnadas nas lutas das feministas, revelam o território como espaço de reexistência um termo que articula resistência e existência, e que segundo o autor expressa práticas cotidianas de afirmação da vida diante da violência e da opressão: “o corpo se torna um espaço central nos processos de descolonização [...] repolitizados, podemos dizer, são aqueles que mais direta e incisivamente nos afetam” (Haesbaert, 2021, p. 179).

A centralidade do corpo como primeiro território permite, portanto, compreender a produção do espaço como um processo multiescalar e afetivo, conectando-se com a compreensão de Massey (2008). Dessa forma, o território é inseparável das relações de poder, sendo simultaneamente expressão e instrumento de dominação e emancipação.



Aplicativos digitais como o Grindr, ao mapear e localizar usuários com base em sua geolocalização, participam ativamente da produção de espacialidades digitais marcadas por dinâmicas de desejo, exclusão e resistência. Conforme aponta Hanke (2016), nas espacialidades digitais gays, como os aplicativos de relacionamento, há uma lógica de visibilidade seletiva, em que: “os corpos que destoam do perfil desejado [...] eram rejeitados, ou seja, não desejáveis” (Hanke, 2016, p. 192), sendo afastados da relação com o aplicativo e seus usuários, o que os faz: “ocupar espacialidade secundária no ambiente digital” (Hanke, 2016, p. 192). Nesses contextos, determinados perfis como os ursos, afeminados e os *daddies*, atuam como corpos de resistência ao padrão normativo dominante, principalmente quando escapam da afeminação ou assumem uma vivência marcada pela experiência e maturidade. Essa leitura contribui para pensar os territórios digitais como espaços performativos, simbólicos e instáveis, nos quais o desejo se entrelaça a dinâmicas de exclusão e subversão.

Esse processo de territorialização digital do desejo torna visível uma geografia erótica e afetiva que muitas vezes escapa às leituras tradicionais da disciplina. Rocha (2023), ao analisar a construção de masculinidades entre jovens envolvidos com o narcotráfico na Argentina, evidencia como o corpo masculino torna-se operador central na configuração dos territórios simbólicos e sociais. No caso das territorialidades gays, essa lógica se repete: corporalidades específicas são preferidas, fetichizadas ou excluídas com base em regimes estéticos e raciais, revelando a imbricação entre desejo, poder e território.

A territorialização do desejo, mediada pela tecnologia, engendra novas práticas espaciais que desafiam os modelos fixos de pertencimento e de organização territorial. Como Massey (2008) e Haesbaert (2021) sugerem, os territórios são constituídos por relações móveis, inacabadas e pluritemporais. Os autores propõem pensar o território como um processo em constante construção, onde diferentes histórias, subjetividades e projetos sociais se cruzam e se chocam. Nesse sentido, o território não é apenas o lugar do controle, mas também da negociação, da insurgência e da esperança.

A compreensão do território como dimensão plural, política, sensível e atravessada por desejos é fundamental para os objetivos desta pesquisa. O território, tal como aqui concebido, não é uma abstração técnica ou uma entidade jurídica, mas uma construção social, afetiva e política em disputa permanente. Reconhecer a produção de territórios por sujeitos LGBTQIA+ seja em praças, festas, becos, saunas ou aplicativos é reconhecer que existem múltiplas formas de estar no mundo e de produzir espacialidades a partir do corpo, do afeto e da transgressão.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados utilizados nesta etapa derivam de pesquisa monográfica realizada em 2021, na qual o aplicativo Grindr foi analisado como objeto central de investigação. Ao serem revisitados e reinterpretados no contexto do doutorado, esses dados assumem nova densidade analítica, permitindo aprofundar a compreensão das relações entre espaço, território, corpo e sexualidade. A partir das formulações de Massey (2008), compreende-se que as interações mediadas por esse aplicativo não se dão em um espaço neutro, mas em um campo relacional permanentemente atravessado por disputas simbólicas e materiais. Assim, o Grindr não é apenas um meio de comunicação, mas um agente na produção de espacialidades e territorialidades digitais, capazes de influenciar dinâmicas urbanas, redes de sociabilidade e geografias afetivas.

Conforme Andrade (2021), a crescente presença de aplicativos baseados em geolocalização, entre os quais o Grindr se destaca, inaugura um tipo de espacialização algoritmicamente mediada, que condiciona encontros, aproximações e distanciamentos. No caso desta plataforma, os dados revelam que as conexões entre usuários estão frequentemente associadas ao encontro sexual imediato. Essa característica pode ser parcialmente explicada, como sugere Nogueira (2020), pelo histórico de restrições e invisibilização da vivência da sexualidade gay na adolescência, período em que a heteronormatividade atua como força disciplinadora, limitando possibilidades de expressão do desejo.

Essa busca por gratificação instantânea, longe de ser apenas uma prática individual, está imbricada em processos mais amplos de produção do espaço, como comenta Harvey (2005), nos quais a lógica capitalista de consumo rápido e descartável se infiltra nas relações afetivo-sexuais. O corpo, nesse contexto, torna-se mercadoria simbólica, avaliada e classificada em tempo real, reforçando padrões estéticos hegemônicos e marginalizando expressões dissidentes. Butler (2003) contribui para entender esse cenário ao afirmar que as identidades de gênero e sexualidade são performativas, construídas por meio da repetição de atos que adquirem inteligibilidade apenas dentro de determinados regimes discursivos. No Grindr, essas performances são mediadas por fotografias, descrições e filtros de busca, elementos que reiteram normas e, ao mesmo tempo, podem ser subvertidos para criar espaços de resistência.

Os dados analisados mostram que a plataforma é permeada por tensões entre visibilidade e anonimidade. Nogueira (2020) observa que, apesar do potencial do espaço virtual para ampliar interações sociais, nele também se reproduzem práticas excludentes: seleção



baseada em atributos corporais, proliferação de perfis falsos, trocas comunicativas superficiais e busca incessante por sexo rápido. Os pré-levantamentos realizados para esta tese confirmam tais apontamentos, evidenciando a presença significativa de múltiplos perfis anônimos. A anonimidade, nesse sentido, não é apenas um recurso de privacidade, mas uma estratégia territorial para sujeitos cujos corpos não se alinham aos padrões dominantes, funcionando como mecanismo de inserção e proteção no circuito do desejo.

Com base em Silva (2009), é possível compreender que esses territórios digitais constituem geografias subversivas, ainda que tensionadas, nas quais corpos e identidades não normativos encontram espaços, muitas vezes temporários, para afirmação e pertencimento. Contudo, esses mesmos territórios também reproduzem desigualdades estruturais ligadas à classe, raça e gênero, configurando o que Haesbaert (2021) chama de campos de força, nos quais se disputa não apenas a visibilidade, mas a própria possibilidade de existir e circular. Nesse cenário, o corpo emerge como o primeiro território, e o Grindr, segundo dados de Andrade (2021), desempenha papel central, mediando cerca de 44% das interações afetivo-sexuais entre homens gays em Cáceres, articulando dimensões simbólicas e materiais do espaço contemporâneo.

Por fim, os pré-levantamentos e a revisão de materiais já produzidos evidenciam a relevância das discussões sobre a produção do espaço geográfico, tendo como eixo a construção do corpo masculino. Nota-se que o Grindr constitui um campo de tensões que, ao mesmo tempo em que possibilita interações afetivas, também influencia a produção corporal, espacial e territorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise evidencia que a masculinidade gay, ao ser mediada por aplicativos de encontro como o Grindr, vai além do âmbito individual das práticas sexuais ou das interações afetivas. A construção do corpo masculino assume a condição de campo de disputa simbólica, no qual se inscrevem simultaneamente normas hegemônicas e práticas de resistência. O Grindr, nesse horizonte, deve ser compreendido não como mero instrumento de sociabilidade digital, mas como agente de espacialização, responsável por instaurar territorialidades digitais que dialogam com as dinâmicas urbanas e corporais. Esse processo torna visíveis as contradições entre a reprodução de padrões estéticos e de masculinidade hegemônicos e a emergência de fissuras onde se manifestam sociabilidades dissidentes, consolidando a dualidade do espaço digital como lócus tanto de opressão quanto de insurgência.



No Grindr, a manifestação corporal é regulada por normas que determinam a forma como cada sujeito interage, gerando assim uma seletividade fundada em atributos físicos. Contudo, mesmo em meio à intensificação de desigualdades e exclusões, emergem formas criativas de resistência, protagonizadas por sujeitos dissidentes (ursos, afeminados e daddies) que afirmam estéticas alternativas e práticas de pertencimento, tensionando e subvertendo os padrões dominantes. O corpo, entendido como primeiro território, revela-se, nesse contexto, um espaço paradoxal, simultaneamente disciplinado por normatividades e mobilizado como instância de emancipação.

Reconhecer os territórios LGBTQIA+, sejam digitais ou materiais (praças, festas, saunas ou becos) implica admitir que o espaço geográfico não é neutro, mas relacional, político e permanentemente atravessado por disputas. Integrar essas experiências à análise espacial significa avançar em direção a uma concepção de justiça espacial que visibilize corpos e subjetividades historicamente subalternizados. A territorialização do desejo, mediada pela tecnologia, evidencia que o espaço não constitui apenas o cenário das interações sociais, mas é um componente constitutivo destas, produzido e tensionado por práticas que simultaneamente reiteram e desestabilizam a normatividade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, H. L. **Enviadescendo os territórios**: a identidade do jovem homossexual de Cáceres. 2021. Monografia (Graduação em Geografia) Departamento de Geografia, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2021.

ANDRADE, H. L. **Espaço e escala da casa nas experiências das diferentes masculinidades gays em Cáceres-MT**. 2024. Dissertação (Mestrado em Geografia) Faculdade de Ciências Humanas, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2024.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Renato Aguiar (trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. ed. 3, Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HAESBAERT, R. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. ed. 1, Niterói: EdUFF, 2021.

HANKE, W. **Espaço, interseccionalidades e vivência cotidiana gay na cidade de Ponta Grossa, Paraná**. 2016. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território: Sociedade e Natureza) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/582>. Acesso em: 15 maio. 2025.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.



ENANPEGE

XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert (trad.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008

MASSEY, D. **Space, place and gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

NOGUEIRA, G. **Caças e Pegações on line**: subversões e reiteraões de gênero e sexualidade. 2 ed, Salvador-BA: Editora Devires, 2020.

ROCHA, H. L. Espacio, cuerpo y la configuración de masculinidades para adolescentes implicados con el narcotráfico en el Gran Buenos Aires, Argentina. **La Aljaba. Segunda Época. Revista de Estudios de la Mujer**, v. 27, n. 1, p. 68–82, 2023. Disponível em: <https://cerac.unlpam.edu.ar/index.php/aljaba/article/view/7065>. Acesso em: 08 maio. 2025.

SILVA, J. M. **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, 2009